

## **“CONTRA TUDO E CONTRA TODOS!”: A “RESPOSTA HISTÓRICA” E A MEMÓRIA DA RESISTÊNCIA E DO PIONEIRISMO NA CONSTRUÇÃO DO PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA**

Renato Soares Coutinho<sup>1</sup>

Letícia Marcolan<sup>2</sup>

**Resumo:** Em 2024, o documento intitulado “Resposta Histórica” completou 100 anos, ensejando uma série de comemorações promovidas pelo Club de Regatas Vasco da Gama. No contexto dessa efeméride, este artigo busca investigar o papel da “Resposta Histórica” na construção do pertencimento clubístico vascaíno. Para isso, mobiliza-se a documentação oficial do clube, bem como livros de memória de caráter cronístico sobre sua história. Os resultados indicam que a carta representou, em termos de memória, a base do binômio da *vascainidade*: resistência ao futebol aristocrático e pioneirismo no futebol moderno.

**Palavras-chave:** Pertencimento clubístico; Club de Regatas Vasco da Gama; “Resposta Histórica.”

### **“Against everything and everyone!”: The “Historic Response” and the memory of resistance and pioneering spirit in building club membership at Club de Regatas Vasco da Gama**

**Abstract:** In 2024, the document named “Historical Response” completed 100 years and promoted a series of celebrations by the Club de Regatas Vasco da Gama. Inserted in the commemoration of this milestone, this article aims to investigate the role of the “Historical Response” in the construction and structuring of Vasco’s identity. For this purpose, the club's official documentation is mobilized, as well as memorialistic books of a chronicle nature about its history. It is argued that the letter materialized, in terms of memory, the identity binomial of Vasco da Gama: resistance to aristocratic football and pioneering in modern soccer.

**Keywords:** Club identity; Club de Regatas Vasco da Gama; “Historical Response”.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto de História do Brasil Republicano no Instituto de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. E-mail.: rscoutinho@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em História, Política e Bens Culturais pela FGV CPDOC, historiadora pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e técnica florestal pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Desde 2019 é membro pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras da UFMG. Integra também o Laboratório de Estudos do Esporte (LESP) da FGV CPDOC. E-mail: lcmarcolan@gmail.com

## **Introdução: “Vasco, a tua glória é a tua história”**

Em junho de 2021, o Club de Regatas Vasco da Gama publicou em seu site oficial a carta pelo “Movimento contra a Homofobia e Transfobia no esporte brasileiro”. No texto, o clube chama para si o pioneirismo em prol da causa dentro do cenário nacional e relembra: “O Vasco de 1923 não aceitou o racismo, naturalizado no século anterior. [...] O Vasco da Gama nasceu como o time de todos e continuará sendo” (CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 2021, online). Mais do que exaltar a iniciativa vascaína, para os fins deste texto, evocar esse manifesto tem outro objetivo. Para nós, o trecho acima revela a base da narrativa memorialística que fundamenta o pertencimento vascaíno: as noções de pioneirismo e resistência.

Como o trecho citado indica, a baliza temporal dessa narrativa é o campeonato de futebol de 1923, ano em que a agremiação se sagrou campeã da cidade do Rio de Janeiro pela primeira vez e fez história com a equipe que ficou conhecida como “Camisas Negras”. Com um time formado por jogadores negros e de origem popular, o clube da zona norte derrotou rivais tradicionais da zona sul carioca em seu primeiro ano na divisão principal. A impressionante campanha do estreante Vasco da Gama despertou reações nos bastidores do futebol da cidade no ano seguinte ao triunfo. A recém-fundada Associação Metropolitana de Esportes *Athleticos* (AMEA), instituição que nasceu atrelada às diretrizes do amadorismo, solicitou a exclusão de doze jogadores vascaínos, acusando esses atletas de serem profissionais.<sup>3</sup> O clube de São Januário saiu em defesa dos jogadores em um documento que ficou conhecido posteriormente como “Resposta Histórica”.

Nessa carta publicada em 1924, o Cruzmaltino pediu desligamento da AMEA e reforçou seu compromisso em manter os atletas vinculados ao clube. Esse gesto se tornou símbolo da luta do Vasco contra o racismo e pelos direitos dos jogadores pobres de disputarem os campeonatos. Nesses termos, o documento inaugurou a relação da instituição com a memória da luta pela

---

<sup>3</sup> O regime amadorista que regia o campeonato da cidade estabelecia regras excludentes para a inscrição dos jogadores. Por exemplo, para serem inscritos, os atletas deviam comprovar que tinham profissões que permitiam o seu sustento sem depender de qualquer fonte de renda oferecida pelos clubes de futebol. Isso inviabilizava o registro de jogadores oriundos das camadas populares. Em 1923, o Vasco da Gama burlou esse regulamento conseguindo empregos fictícios para os jogadores nos estabelecimentos comerciais dos dirigentes do clube, comprovando, assim, que eles tinham a renda necessária para disputar o campeonato.

participação de jogadores negros e pobres no futebol brasileiro em um período marcado pelas barreiras elitistas impostas pelos regulamentos dos torneios amadores. Portanto, de acordo com a memória forjada pela instituição, o Vasco, ao recusar afastar esses atletas da sua equipe a pedido da Associação Metropolitana de Esportes *Athleticos*, teria iniciado uma verdadeira “luta contra o racismo” ainda nos anos 1920. E a “Resposta Histórica” no plano das representações cumpre o papel de prova do pioneirismo vascaíno na resistência ao racismo.

Nos eventos e documentos oficiais do Vasco da Gama atualmente, não são poucas as referências ao orgulho vascaíno em relação à “Resposta Histórica”. No ano de 2024, que marca o centenário do documento, a agenda institucional esteve repleta de celebrações que reforçaram a memória de clube da resistência ao racismo. Na página eletrônica oficial da instituição, o texto sobre a luta vascaína exalta a carta como uma demonstração inegável da disposição histórica da agremiação em lutar contra os males sociais que afligem nossa sociedade (CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 2024, online). Em constante articulação, pioneirismo e resistência surgem como os pilares do pertencimento vascaíno nas manifestações da torcida e da instituição nos seus canais oficiais.

Sabemos que as instituições – sejam elas clubes, partidos ou Estados-nações – constroem ao longo dos anos as suas bases identitárias a partir de processos tensos de enquadramentos de memória, silenciamentos e esquecimentos (POLLAK, 1989). Podemos afirmar, aliás, que as identidades não são fundadas nas mesmas datas das instituições. Resultado de um desenrolar mais complexo do que as definições de regramentos formais e normativos, a identidade social de uma associação se fundamenta no tempo mais longo de duração do que os estatutos. É feita, refeita e desfeita por embates de memória e disputas de poder. E encontra a sua consolidação quando logra dar sentido coletivo a uma experiência compartilhada e imaginada pelos sujeitos sociais (ANDERSON, 2008)

Dessa forma, este artigo busca investigar o papel da “Resposta Histórica” na construção do pertencimento clubístico do Vasco da Gama, instituição desportiva centenária da cidade do Rio de Janeiro. Baseada nas noções de pioneirismo e resistência, a memória forjada pelo clube estabelece 1923 como o

ano de fundação do seu pertencimento, e busca no conteúdo da carta publicada em 1924 os princípios que norteiam a experiência do “ser vascaíno” até os dias atuais. Se o Vasco foi fundado em 1898, apenas a partir de 1924 a *vascainidade*<sup>4</sup> ganhou um vocabulário capaz de dar sentido a sua experiência coletiva. E a “Resposta Histórica” é a linguagem pela qual ela se expressa.

### **Ser vascaíno: pioneirismo e resistência entram em campo no espetáculo dos pertencimentos clubísticos**

Escrever acerca da narrativa do pioneirismo e da resistência vascaína é tratar de pertencimento clubístico. Quando um time entra em campo, mais do que um “bando” de homens correndo atrás de uma bola, o que está em jogo são “aspirações de uma comunidade de sentimento” (DAMO, 2014). Dessa forma, podemos dizer que “ser Vasco”, “ser Grêmio”, “ser Palmeiras” *etc.*, implica, antes de tudo, numa expressão política, uma vez que, o futebol mobiliza uma série de questões da sociedade brasileira.

Mais do que isso, em um cenário de identidades móveis, como propõe Stuart Hall (2006), a identificação com o clube do coração é um dos poucos aspectos que se mantêm na vida dos indivíduos. Tanto que “virar a casaca” no mundo da política, por exemplo, não é um fato surpreendente, mas pense nos problemas que um indivíduo enfrentaria ao trocar sua torcida do Vasco para o Flamengo.

É preciso compreender, contudo, que esses pertencimentos (DAMO, 2014) nada possuem de natural, na verdade, poderíamos dizer que para a construção deles foi realizado um “trabalho de enquadramento” da memória, como bem definiu Pollak (1989). Esse esforço é essencial para a coesão comunitária, ainda mais num grupo tão diverso quanto o de torcedores de um clube. Em sua essência, a memória está entrelaçada à história das instituições. No entanto, sua narrativa pode variar amplamente, dependendo de quem conta e do tempo em que se contam as narrativas sobre o passado. O exemplo dos rivais vascaínos pode nos ajudar a compreender isso.

---

<sup>4</sup>A exemplo de *corintianismo* (TOLEDO, 2013).

A mítica dupla Fla-Flu, na memória futebolística nacional, é conhecida pelo parentesco existente entre eles. Nas palavras de Nelson Rodrigues, os “irmãos Karamazov” do nosso futebol, já foram um, pois o departamento de futebol do Flamengo nasceu do Fluminense, marcando uma ligação umbilical entre os dois clubes. Nos primeiros anos de existência, os irmãos levaram mais ou menos a mesma vida, ambos instalados na zona sul carioca, eram instituições finas, de gente de “boa família”. O Fluminense seguiu nesse caminho e ainda hoje tem como marca identitária a elitização calcada no refinamento e na distinção (FERNANDEZ, 2010). O Flamengo, filho rebelde, a partir de 1930, resolveu aproximar-se do povo, adotando “o urubu como mascote, a favela como casa e o pobre como seu representante” (COUTINHO, 2019, p. 44).

Além disso, o exemplo flamenguista nos auxilia na compreensão do movimento de construção do pertencimento clubístico mais recente do Vasco da Gama. Se, para tornar-se o “mais querido da nação”, o Flamengo precisou esconder sua origem nobre, ao Vasco coube mitificar seu passado. Vejamos como isso se manifesta na memória da instituição.

A narrativa da resistência vascaína está fundamentada em três oposições centrais. A primeira é de cunho social: elite x povo e nela, implicitamente, outra de fundo racial: brancos x negros. A segunda de caráter geográfico: centro/zona norte x zona sul. Por fim, a terceira de natureza étnica<sup>5</sup>: brasileiros x portugueses<sup>6</sup>. Para compreender a construção dessas narrativas, é fundamental analisar aquilo que a própria agremiação enaltece, ou seja, sua autoimagem. Um espaço privilegiado para acessar essa simbologia está nos livros de memória da instituição, que justamente por serem declaradamente parciais, oferecem um retrato significativo da *vascainidade*.

Dentre as mais diversas publicações memorialísticas acerca da história do Club de Regatas Vasco da Gama selecionamos dois livros que receberam chancela oficial do clube, são eles: o livro *Memória do Cinquentenário (1898-1948)* e *Club*

---

<sup>5</sup>Sobre a questão do antilusitanismo na sociedade carioca da *Belle Époque*, ver RIBEIRO. Gladys Sabina. **O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas**: O antilusitanismo na Primeira República. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

<sup>6</sup>Para os fins deste texto trataremos apenas das três primeiras oposições. A discussão sobre a quarta oposição e um detalhamento sobre as outras três pode ser localizada em: MARCOLAN, Letícia Costa. **“O profeta vascaíno”**: a ascensão política de Eurico Miranda no Club de Regatas Vasco da Gama (1986-2001). 2024. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2024.

*de Regatas Vasco da Gama: livro oficial do centenário*. Adicionalmente, escolhemos três obras de caráter cronístico: a primeira delas é o clássico *O negro no futebol brasileiro* (NFB), além de *Vasco: a Cruz do Bacalhau* de Aldir Blanc e *1898 em diante*.

A memória da oposição, entre elite x povo e brancos x negros, têm âncora nos primeiros anos de existência do Vasco da Gama. Refere-se especialmente ao mito de origem do clube e ao título do Campeonato Carioca de 1923. Sobre esse primeiro evento a narrativa de Aldir Blanc é exemplar:

A criação do Vasco lembra a dos grandes partidos revolucionários que abalaram os séculos XIX e XX. Nasceu de um ideal e já nas duas primeiras décadas de existência atraía a atenção das massas, quebrando assim uma tradição no âmbito dos esportes que até então eram praticados na cidade do Rio de Janeiro. (BLANC, 2009, p. 38)

Portanto, segundo a memória oficial do clube, o Vasco estaria destinado a assumir o papel de motor da transformação no cenário futebolístico nacional. Para reforçar seu argumento, o cronista vincula a data de fundação da agremiação, em 1898, às mudanças mais abrangentes ocorridas no país, como a abolição da escravidão e o fim da Monarquia<sup>7</sup>.

Além disso, nos livros de memória destaca-se que o perfil social dos fundadores da agremiação também o diferenciava de seus rivais<sup>8</sup>. Enquanto os primeiros sócios de Botafogo, Flamengo e Fluminense eram, em sua maioria, jovens brancos, estudantes, filhos de famílias abastadas, moradores da zona sul carioca e que não dependiam do trabalho para seu sustento, o Vasco, por sua vez, foi fundado por “rapazes que trabalhavam” (CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 1948, p. 21) e que teriam que batalhar mais ainda para colocar o clube na elite carioca. Nesse sentido, o caminho do Cruzmaltino até o título 1923 também merece a nossa atenção.

Entre os quatros grandes clubes do Rio de Janeiro, o Vasco é o único que teve que começar na última divisão do futebol da Liga Metropolitana, entidade

---

<sup>7</sup>Botafogo (1904), Flamengo (1895) e Fluminense (1902) foram fundados no mesmo período, entre os últimos anos do século XIX e início do XX. Entretanto, na narrativa de Blanc (2009), apenas a data de fundação do Vasco em 1898 assume contornos heroicos.

<sup>8</sup>Como veremos na próxima parte do texto, essa narrativa também merece ponderações. O clube que foi capaz promover uma revolução de viés capitalista no desporto carioca poderia ser formado apenas por modestos trabalhadores?

responsável pela organização do futebol carioca à época. Em comparação com o seu rival rubro-negro, por exemplo, Santos (2010, p. 56) escreveu: “o Flamengo se inscreveu no campeonato e jogou logo na 1ª divisão, entrando pela porta da frente, sem disputar as divisões inferiores, na ‘canetada’, como se diz no meio futebolístico [...]”.

Apesar das dificuldades dos primeiros anos no futebol, o Cruzmaltino chegou à divisão principal e, já no ano de estreia, conquistou seu primeiro título. Além da campanha avassaladora dos “Camisas Negras” (dos 14 jogos disputados, foram 11 vitórias, 2 empates e só 1 derrota), chamou atenção o perfil do plantel vascaíno. A equipe formada por jogadores negros, pobres, analfabetos e trabalhadores desbancou os rapazes brancos, de elite, “de boa família” e estudantes dos outros clubes cariocas. Para Mario Filho, “era uma verdadeira revolução<sup>9</sup> que se operava no futebol brasileiro” (2010, p. 126).

Nesse sentido, o confronto entre Flamengo e Vasco daquele ano é representativo. Naquele momento do campeonato, apenas o time rubro-negro poderia estragar a conquista vascaína. Contudo, mais do que a disputa de uma partida ou de um campeonato, nas palavras de Mario Filho, o que estava em jogo naquele momento era o fato de que, de um lado, estava representado o time formado apenas por “brancos, de gente fina, de boa família” – o Flamengo e, do outro, um time composto por “brancos, mulatos e pretos, tudo misturado” (2003, p. 124) – o Vasco.

A vitória do Flamengo por 3 a 1 não foi capaz de impedir a conquista vascaína. E foi com o título do Carioca de 1923 que o pretenso “destino revolucionário” (BLANC, 2009) do clube se cumpriu. Para a memória oficial da instituição, esse jogo é o evento primordial para atestar a capacidade de resistência do clube. E, segundo Mario Filho (2003), essa foi a conquista que abriu a porta para o profissionalismo no futebol brasileiro<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup>O termo “revolução vascaína” nasce na obra memorialística de Mario Filho e ganha contornos acadêmicos na tese “Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)” de João Malaia Santos. Entretanto, apesar de utilizar-se da expressão no título da publicação, ao final da tese, o autor relativiza seu emprego. Aliás, mais recentemente, João Malaia ponderou que, quando o livro (fruto da tese) for publicado, no lugar de “A revolução vascaína:” teremos “A revolução vascaína?”. Ver: LUDOPÉDIO. “Ludopédio em Casa Entrevista” o historiador João Malaia sobre “A Revolução Vascaína”. YouTube, 01 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7-hplQzH1dc>. Acesso em: 23 nov. 2023.

<sup>10</sup>Nesse aspecto, é importante ponderar que, embora esse processo tenha tido sua relevância, seria um equívoco imaginar mudanças radicais em termos de “organização do futebol ou, ainda menos provável, da

Para os grandes clubes, se dentro de campo o jogo já parecia perdido, restava tentar recuperar o poder fora dele. Sintoma desse processo, foram as reformas propostas ainda dentro da Liga Metropolitana. Sem sucesso, entretanto, decidiram afastar-se da Liga para fundar uma nova instituição que defendesse seus valores<sup>11</sup>.

Em 1924, então, foi fundada a Associação Metropolitana de Esportes *Athleticos*, AMEA. Nas palavras de Santos (2010) uma liga “anti-Vasco”<sup>12</sup>, isso porque a nova instituição endureceu a fiscalização sobre as origens dos atletas e além disso, passou a exigir de seus filiados praças esportivas a altura das competições por ela organizadas. Essas exigências afetaram diretamente o time da Colina, que então decidiu permanecer na Liga Metropolitana e não fazer mais parte da AMEA<sup>13</sup>. O documento que oficializou o episódio, anos mais tarde batizado de “Resposta Histórica”, tornou-se símbolo da narrativa de resistência e pioneirismo vascaíno.

No mesmo sentido, o estádio vascaíno, seria outra “prova” da resistência da agremiação. Portanto, São Januário seria “uma nova resposta histórica, esta feira de aço, concreto e azulejo português” (ALMIRANTE, 2021, p. 86). Mais do que isso, na memória do clube, ele representa que “o Vasco, sim, é o clube de origem popular, aquele que viu primeiro o estilo brasileiro de jogar futebol, adotou negros, venceu preconceitos e alterou o rumo das coisas” (CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 1998, p. 30). Aliás, até mesmo a localização do estádio é representativa de tal narrativa.

Localizado no bairro Vasco da Gama, uma subdivisão de São Cristóvão, a geografia do local também faz parte da construção identitária do clube. Pertencer a uma determinada área da cidade, não diz apenas sobre geografia, mas também sobre significados que qualificam ou desqualificam, esses espaços. Numa metrópole hierarquizada como o Rio de Janeiro “o termo ‘zona sul’ tomou função de ‘topônimo’ a designar vasta área da cidade, onde as camadas mais favorecidas

---

carreira dos jogadores, nas formas de torcer e, sobretudo, para além das praças nas quais os embates haviam se consolidado” como Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo (DAMO, p. 2018, p. 41).

<sup>11</sup>Esse processo está detalhado na tese: SANTOS (2010).

<sup>12</sup>Na verdade, é preciso compreender que a contenda entre Vasco e Amea é marcadamente sobre o poder. O clube de São Januário estava insatisfeito com a sua posição de inferior em relação aos “grandes”, como Botafogo, Flamengo e Fluminense (SOARES, 1999).

<sup>13</sup>Mas, como veremos na próxima parte do texto, inicialmente o Vasco foi convidado e aceitou participar da nova liga. No entanto, após desavenças com os clubes fundadores, a direção do Vasco lançou o manifesto.

da população habitam em sua maior parte até hoje, em oposição aos ‘subúrbios’/‘zona norte’” (CARDOSO, 2010, p. 87).

Uma prova de que o bairro é um fator central na construção identitária dos clubes é observar o nome de alguns deles, como Botafogo, Flamengo, Bangu, Madureira, Olaria, entre outros. Quais seriam, então, as marcas identitárias que São Cristóvão emprestou ao Vasco? Apesar de ainda existirem vestígios de seu passado imperial, o bairro, a partir da segunda metade do século XIX, perdeu prestígio e passou a ser ocupado principalmente pela população empobrecida, de baixa qualificação, escravos libertos e imigrantes pobres (FERREIRA, 2004). Nesse sentido, acompanhar o movimento de transformação socioespacial que a cidade atravessou teria proporcionado ao clube vantagens em sua popularização (OLIVEIRA, 2021).

Mais recentemente, a Barreira do Vasco, também é utilizada para reforçar a imagem popular do clube. Por outro lado, tanto o bairro quanto a colina, podem também despertar sentimentos de marginalidade aos olhos externos. Sobretudo a Barreira, visto que no Rio de Janeiro, o imaginário coletivo acerca dos morros dá a impressão de áreas inimigas, à espreita cercando a cidade. É o que vimos no polêmico relatório do juiz Marcello Rubioli.

Em suma, seja pela sua origem popular, localização marginal, pela memória da luta contra o racismo ou pela proximidade com as classes operárias, o pertencimento vascaíno se fundamenta a partir da noção de resistência. Se ao Flamengo, seu maior rival, no plano do imaginário coube a condição de clube do sistema, ajudado pela imprensa e mais querido do Brasil, para o Vasco, o clube de São Januário o papel que lhe cabe é o de representante de uma árdua luta anti-sistêmica, travada contra tudo e contra todos.

### **A “Resposta Histórica”: o documento que funda o futebol moderno**

O Vasco da Gama se autoproclama nos últimos anos o clube com a “História mais bonita do futebol brasileiro”. Mesmo vitorioso em campo desde a sua fundação, os dados usados para respaldar essa autoimagem não são retirados do gramado, e sim das ações políticas realizadas fora dele. A partir de um vocabulário político inclusivo, a instituição reivindica o posto de pioneiro da luta antirracista entre os clubes de futebol no Brasil.

Em relação ao racismo no futebol brasileiro, o livro que mais influenciou a construção da memória social dominante foi o *Negro no futebol brasileiro* (NFB), do jornalista Mario Filho. Publicado originalmente em 1947, a obra reúne diversas histórias dos primórdios do futebol na cidade do Rio de Janeiro. O autor, munido de uma narrativa pormenorizada, relata a trajetória dos primeiros ídolos do futebol, o surgimento das rivalidades entre as torcidas, conta casos de clubes que não existem mais, enfim, proporciona ao leitor um prazeroso mergulho nos tempos em que Don-Don jogava no Andarahy.

Mario Filho tinha objetivos bem definidos quando escreveu o NFB. E podemos notar isso na primeira página do primeiro capítulo, intitulado “Raízes do Saudosismo”. Sem titubear, o jornalista afirma no primeiro parágrafo: “Há quem ache que o futebol do passado que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 29). Ou seja, nas primeiras linhas do livro, o autor expõe sem rodeios o argumento central das mais de trezentas páginas da obra: o futebol carioca nos tempos do amadorismo era racista.

E o que foi o amadorismo no futebol carioca? Em linhas gerais, os primeiros campeonatos de futebol surgiram alinhados ao *ethos* amador dos primeiros clubes da cidade. Inspirados por um discurso higienista civilizatório, os fundadores dos clubes de futebol entendiam o desporto como uma prática de distinção social e de preparo do corpo e do espírito cívico para a vida em sociedade (PEREIRA, 2000). O espírito de competição típico das sociedades burguesas individualistas estava em segundo plano. O escopo principal dos primeiros clubes era expressar um refinamento social capaz de conferir *status* aristocrático aos seus praticantes. Por exemplo, o primeiro grande clube de futebol do Rio de Janeiro, o Fluminense Football Club, fundado em 1902, foi criado por jovens brasileiros filhos da elite britânica. Para esses rapazes, o *football* não era uma profissão, muito menos um meio de vida. Para eles o jogo era um encontro de cavalheiros unidos pelo sentimento de superioridade civilizatória.

Mario Filho, nos anos 1930, foi um ferrenho defensor do projeto profissionalista para o futebol brasileiro. Marcado por uma formação empresarial e nacionalista, o jornalista entendia o futebol como espaço de integração

nacional, inclusão social e de desenvolvimento dos negócios. Além disso, Mario Filho foi um escritor influenciado pelas teses do antropólogo Gilberto Freyre, autor do livro *Casa-grande e Senzala*, publicado originalmente em 1933, que entendia a formação cultural da sociedade brasileira a partir da miscigenação das raças. Adepto de uma visão positiva sobre a mestiçagem, o jornalista via no futebol profissional a expressão do sucesso da inclusão social e racial brasileira<sup>14</sup>. Ou seja, onde podemos chegar com essa caracterização intelectual de Mario Filho? Ora, o jornalista escreveu o NFB visando defender o projeto profissionalista, que entendia o futebol como um esporte moderno, competitivo e com jogadores remunerados. E onde estava o entrave para o sucesso desse projeto? Exatamente nas tradições amadoristas do futebol carioca, avessas à modernização do desporto na cidade. Por isso Mario Filho não hesitou em afirmar: o amadorismo era racista!

E o Vasco da Gama, onde entra nessa história? O Vasco, campeão de 1923, foi o primeiro time a usar declaradamente atletas contratados para jogar futebol. Não que isso não acontecesse em outras equipes em anos anteriores, mas ocorria de forma velada. No Vasco de 1923, não. Os dirigentes contrataram jogadores talentosos do subúrbio do Rio, negros e brancos pobres, colocaram os atletas para treinar e descansar e atropelaram os rivais. Os craques contratados pelo Vasco garantiram ao clube o posto de novo grande time da cidade.

Esse cenário de ascensão de uma nova força esportiva contribuiu para os imbróglios que fizeram surgir a AMEA no início de 1924. Inicialmente, o Vasco foi convidado e aceitou participar da nova liga. Entretanto, após desavenças com os clubes fundadores, a direção da agremiação lançou um manifesto, a “Resposta Histórica”, pedindo o desligamento da AMEA e declarando seu retorno para antiga liga, a LMTD. Abaixo, o famoso documento:

D. Presidente da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos.  
As resoluções divulgadas hoje pela Imprensa, tomadas em reunião de hontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. tão dignamente preside, collocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade, que absolutamente não pode ser justificada, nem pelas defficiencias do nosso campo, nem pela simplicidade da nossa séde, nem pela condição modesta de grande numero dos nossos associados.

---

<sup>14</sup>Sobre o assunto, ver MELO, Alfredo Cesar. Saudosismo e crítica social em Casagrande & Senzala. **Estudos Avançados**, n. 23, 2009.

Os privilegios concedidos aos cinco clubs fundadores da A.M.E.A., e a forma porque exercido o direito de discussão a voto, e feitas as futuras classificações, obrigam-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções.

Quanto à condição de eliminarmos doze dos nossos jogadores das nossas equipes, resolveu por unanimidade a Directoria do C.R. Vasco da Gama não a dever acceitar, por não se conformar com o processo porque foi feita a investigação das posições sociaes desses nossos consocios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um acto pouco digno da nossa parte, sacrificar ao desejo de fazer parte da A.M.E.A., alguns dos que lutaram para que tivessemos entre outras victorias, a do Campeonato de Foot-Ball da Cidade do Rio de Janeiro de 1923. São esses doze jogadores, jovens, quasi todos brasileiros, no começo de sua carreira, e o acto publico que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que elles com tanta galhardia cobriram de glorias.

Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da A.M.E.A. (CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 2024, online)

“Inferioridade”, “simplicidade”, “condição modesta dos associados”, “jovens jogadores”, termos que colocam a agremiação ao lado da luta dos oprimidos. A “Resposta Histórica” inaugurou e oficializou o vocabulário da resistência vascaína logo nos primeiros anos de disputa dos campeonatos de futebol.

Mas em qual conjuntura essa *vascainidade* do pioneirismo e da resistência surgiu? Ou melhor, o que conferiu ao Vasco a possibilidade de se associar a essas questões da luta contra opressor? Desde já, consideramos que a construção das representações sociais do clube está circunscrita ao campo do simbólico. Em termos objetivos e materiais, o Vasco da Gama não era o clube dos associados modestos. Ao contrário, a instituição promoveu uma revolução de viés capitalista no desporto carioca a partir da dinâmica de contratação dos jogadores do subúrbio da cidade<sup>15</sup>. A luta pelos oprimidos é um pilar identitário do clube, mas não indica nenhuma vocação para a pobreza dos seus dirigentes.

Então, o que havia de novo ou diferente no Vasco da Gama dos anos 1920? Vejamos, o futebol do Rio de Janeiro tem quatro grandes clubes hegemônicos: Fluminense, Botafogo, Flamengo e Vasco. Os três primeiros, nascidos nos tempos da *Bellé Époque* carioca: Fluminense em 1902, Botafogo em 1904, e o

---

<sup>15</sup>Sobre o assunto, ver: SANTOS (2010).

departamento de terra do Flamengo em 1911. Ou seja, isso significa que os três primeiros grandes nasceram atrelados a uma visão social que entendia o desporto “a partir das formulações das teorias higiênicas” (PEREIRA, p.87, 2000). As teses higienistas conferiam ao futebol o papel de distinção dos indivíduos dentro de uma rígida hierarquia social. Dentro da lógica do preparo cívico do corpo e da mente, os membros das camadas abastadas possuíam as condições de pertencer ao mundo civilizado. A atividade física, portanto, estava associada ao refinamento e ao bom comportamento das elites da cidade. Em uma combinação entre valores aristocráticos elitistas e práticas corporais burguesas, os primeiros grandes times de futebol da cidade surgiram associados a uma dinâmica de modernização excludente, própria da configuração política, econômica e cultural da Primeira República brasileira (DELGADO & FERREIRA, 2006). Em outras palavras, jogar nos clubes de futebol era um símbolo de superioridade social. Os trabalhadores, alijados desses espaços de refinamento e preparo civilizatório, ficavam condenados à degeneração física e mental.

Todavia, isso não significa que apenas nos clubes refinados havia futebol e que tudo girava em torno deles. Sabemos que as origens do jogo foram polissêmicas e que o jogo de bola se espalhou pela cidade alheio ao *ethos* excludente das teses higienistas. Ademais, os próprios clubes grandes e tradicionais, na medida em que as competições esportivas recrudesceram, também passaram por processos de redefinição das suas funções sociais e das suas identidades coletivas. E, dentro de um processo ainda mais amplo, a própria crise dos valores civilizatórios europeus, expressa de maneira dramática nos horrores da Primeira Guerra Mundial, fez com que a própria elite intelectual brasileira questionasse a pretensa superioridade das referências científicas e culturais europeias, reforçando uma tendência modernista de valorização dos símbolos nacionais e populares do Brasil (VELLOSO, 1987).

Sendo assim, qual cenário esportivo e social estava organizado no início dos anos 1920? Em campo, o refinamento do amadorismo era um fracasso. Mesmo os clubes mais elitistas e apegados aos símbolos aristocráticos encontravam maneiras de burlar regulamentos e remuneravam de maneira informal os seus jogadores, visando melhor desempenho da equipe. Fora de campo, os significados de brasilidade mudavam, e novos sujeitos sociais

populares ganhavam espaço dentro das fronteiras imaginárias da nação. O caminho estava aberto para a fundação do moderno futebol brasileiro.

Cumprindo a função de um documento fundador, a “Resposta Histórica” estabeleceu as fronteiras entre o passado e o presente do futebol brasileiro nos anos 1920. O passado amadorista e aristocrático não voltaria mais. Os doze jovens jogadores brasileiros e profissionais eram os novos protagonistas do futebol, que se popularizava e se nacionalizava. Os inimigos dessa modernização, os clubes fundadores e tradicionais da cidade, não poderiam impedir o triunfo da modernização profissional. Atento às mudanças do futebol e do país, o Vasco da Gama subiu no trem da História e sentou na cadeira do pioneirismo do futebol moderno. Para tal, era preciso resistir ao futebol aristocrático que ainda ocupava os postos de controle das instituições organizadoras dos campeonatos.

Isso, portanto, significou que o clube tenha sido o pioneiro nas lutas antirracistas? Apesar dessa pergunta ser incontornável, respondê-la não é o escopo deste artigo. Mas, consideramos outras possibilidades em relação ao significado histórico do pioneirismo vascaíno.

A “Resposta Histórica”, sem dúvidas, foi o primeiro documento a consagrar o futebol como uma forma de trabalho no Brasil. Inevitavelmente, ao considerar o jogador um trabalhador, sem distinção de *status* social, o documento incorporou elementos sociais inclusivos, pois considerou o futebol um lugar permitido para pessoas de todas as origens étnicas e de classe. Talvez, seja complexo admitir que isso leve imediatamente a pensar que o enfrentamento ao futebol aristocrático significou a valorização da luta antirracista. A ampliação dos limites do mundo do trabalho moderno não resulta, necessariamente, na valorização simbólica da igualdade racial. Mesmo Mario Filho, entusiasta do pioneirismo vascaíno na inclusão do negro no futebol, escreveu que “entre um branco e um preto, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco ficava com o branco. O preto era para a necessidade, para ajudar o Vasco a vencer” (RODRIGUES FILHO, p. 120, 2003). Mas, sem cairmos nas teias do anacronismo, entendemos que defender os direitos do trabalhador remunerado acionando o vocabulário da honradez já era um gesto bastante transgressor nos anos 1920, considerando os séculos de escravidão que forjaram a cultura política da elite brasileira.

Portanto, o campeonato vencido pelo clube cruzmaltino em 1923 e a posição política assumida pelos dirigentes do clube com a “Resposta Histórica” em 1924 marcaram a consagração do profissionalismo no futebol brasileiro. Se apenas em 1937 o futebol carioca se pacificou em torno desse projeto, podemos afirmar que a “Resposta Histórica” foi o ponto de partida para a vitória do futebol profissional moderno no Brasil. E foi nesse gesto de defesa do profissionalismo que se constituiu o binômio identitário vascaíno. Resistência ao futebol aristocrático; pioneirismo no futebol moderno.

### **Considerações finais: “o Vasco é o time da virada”**

A torcida cruzmaltina canta a plenos pulmões nas arquibancadas que o “Vasco é o time da virada”. Claro, essa canção faz menção à tradição de virar resultados em campo e normalmente é entoada quando o time está perdendo.

Mesmo assim, ela é uma boa metáfora para a história do clube fora do campo. O Vasco chegou depois. Foi o último grande a ingressar no futebol. Entrou na briga quando regras e tradições rígidas já organizavam as disputas dentro das instituições organizadoras do jogo. Essa situação era muito difícil de ser enfrentada. Podemos dizer que o Vasco nasceu perdendo. Mas virou o jogo.

A vitória em 1923 atropelou o antigo. Foi daqueles eventos que se tornam balizas temporais para novas épocas. Em termos mais historiográficos, eventos que inauguram o tempo presente (ROUSSO, 2016). O modelo de futebol profissional fundado pelo Vasco em 1923 se tornou hegemônico no futebol brasileiro ao longo do século XX<sup>16</sup>. É certo que esse processo de consolidação do espetáculo profissional não foi levado adiante apenas pelo Vasco. Clubes, federações, imprensa e atores políticos se organizaram em torno de projetos que enfrentaram resistências e sofreram tensões especialmente nos anos 1930 e 1940. Mas, *grosso modo*, tivemos em grande parte do século passado o predomínio do seguinte modelo: clubes menores do subúrbio ou das cidades do interior formam jogadores que são contratados por clubes maiores das capitais, que disputam

---

<sup>16</sup>Sobre o triunfo do modelo profissional no futebol brasileiro, ver: GOMES, Eduardo Souza. **A invenção do profissionalismo no futebol**: tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954) Curitiba: Appris, 2019 & SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo. Tese de Doutorado em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

campeonatos profissionais, seguindo a mesma dinâmica que o Vasco inaugurou ainda nos anos 1920. Assim, o futebol brasileiro venceu cinco Copas do Mundo de futebol masculino.

Mas nada é eterno, sabemos. Tudo desmancha no ar. E o futebol está mudando em todo canto. No Brasil, a ruptura mais sensível foi a chegada das SAFs<sup>17</sup>, grupos de investimento estrangeiros que compram parte dos clubes prometendo solucionar com estratégias empresariais todos os problemas que assolam as agremiações futebolísticas que sofrem com crises financeiras. O futebol do Vasco, símbolo de modernidade nos anos 1920, hoje sofre com décadas de péssimos resultados financeiros e esportivos e seguiu o caminho da mudança de clube associativo para a sociedade anônima de futebol.<sup>18</sup>

Com o discurso de salvadora da pátria, a nova gestora do clube mirou o futuro e associou o passado do Vasco ao atraso. A culpa foi colocada nas mãos dos que passaram pelo clube nos tempos das gestões amadoras. Quanta ironia. O clube que consagrou o futebol moderno no Brasil chegou ao século XXI sendo associado ao atraso administrativo. Nesse embate de narrativas e memórias sobre o passado e o futuro do clube, não é de se admirar que a “Resposta Histórica” seja tão celebrada. O documento que fundou o protagonismo do clube é usado e abusado para buscar e enaltecer a grandeza do clube que parece ter ficado para trás. Além disso, nesse momento de crise, resistência e pioneirismo se tornam, mais do que nunca, símbolos fundamentais para uma guinada positiva da instituição. O passado do clube está repleto de reviravoltas positivas contra tudo e contra todos que servem de exemplo. O posto de clube fundador do moderno futebol brasileiro nos anos 1920 talvez seja o melhor exemplo.

---

<sup>17</sup>A SAF é um modelo jurídico de sociedade anônima que se espalhou pelo futebol mundial na década de 2020. Esse regime empresarial permite que investidores estrangeiros adquiram porcentagens de instituições esportivas e formem redes multi-clubes internacionais. Em grande parte, os clubes comprados pelos investidores enfrentam dificuldades financeiras, caso específico do Vasco da Gama e do Botafogo, as primeiras SAFs do futebol carioca. No Brasil, a Lei 14.193/2021 estabeleceu a validade desse regime jurídico. Sobre o assunto, ver: SIMÕES SANTOS, Irlan; FERREIRA, Jonathan; PISANI, João Ricardo. Futebol, negócio e globalização: clubes brasileiros na nova era do multi-club ownership. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203847, 2022.

<sup>18</sup>Em fevereiro de 2022 a Sociedade Anônima de Futebol (SAF) do Vasco da Gama teve 70% dos seus direitos econômicos vendidos para o grupo estadunidense 777 Partners.

## Referências

ALMIRANTE, João. Camisas Negras tomam o futebol para o povo. In: GARONE, André *et al.* **1898 em diante**. [S. l.]: Corner, 2021.

ALMIRANTE, João. Vasco responde ao elitismo e se torna História. In: GARONE, André *et al.* **1898 em diante**. [S. l.]: Corner, 2021.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BLANC, Aldir. **Vasco**: a cruz do Bacalhau. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. Estrutura Urbana e Representações: a invenção da Zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. **GeoTextos**, Bahia, v. 6, n. 1, 2010.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Movimento contra a Homofobia e Transfobia no esporte brasileiro**. Rio de Janeiro, 27 de junho de 2021. Disponível em: <https://vasco.com.br/posicionamentovasco/>.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Livro oficial do Centenário**. Rio de Janeiro, 1998.

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **1924: a Resposta Histórica**. Rio de Janeiro, 02 de maio de 2024. Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/1924-a-resposta-historica/>

CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Memória do Cinquentenário (1898-1948)**. Rio de Janeiro, 1948.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior**: o clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955). 2º ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

DAMO, Arlei. O espetáculo das identidades e alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

DELGADO, Lucília; FERREIRA, Jorge (orgs). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Fluminense Foo-tball Club**: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). Dissertação de Mestrado em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

FERREIRA, Fernando da Costa. **O bairro Vasco da Gama: um novo bairro, uma nova identidade?** Dissertação de Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Paris: allca XX, 2002

GARONE, André *et al.* **1898 em diante.** [S. l.]: Corner, 2021.

GOMES, Eduardo Souza. **A invenção do profissionalismo no futebol: tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)** Curitiba: Appris, 2019.

OLIVEIRA, Vitória. Nasce uma paixão. In: GARONE, André *et al.* **1898 em diante.** [S. l.]: Corner, 2021.

MELO, Alfredo Cesar. Saudosismo e crítica social em Casagrande & Senzala. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 23, 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PRESTES, José Augusto. [Correspondência]. Destinatário: Arnaldo Guinle. Offício nº 261. Rio de Janeiro: 7 de abril de 1924. Disponível em: <https://vasco.com.br/os-98-anos-da-resposta-historica/>.

RIBEIRO. Gladys Sabina. **O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas: O antilusitanismo na Primeira República.** Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

RODRIGUES, Mario Filho. **O negro no futebol brasileiro.** 5º ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo.** Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SIMÕES SANTOS, Irlan; FERREIRA, Jonathan; PISANI, João Ricardo. Futebol, negócio e globalização: clubes brasileiros na nova era do multi-club ownership. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, 2022.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)** São Paulo. Tese de Doutorado em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de Toledo. Quase lá. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 40, 2013.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro. CPDOC, 1987.